

A PSICOMOTRICIDADE E SUA INFLUÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA- (TEA) NA ESCOLA

PSYCHOMOTRICITY AND ITS INFLUENCE FOR THE DEVELOPMENT OF STUDENTS WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER - (ASD) IN

Cristiane da Silva Moreira¹
Evanderson dos Santos Antunes²
Regina Celia Sales de Freitas³

RESUMO: O artigo científico aborda a temática, “A Psicomotricidade e sua Influência para o Desenvolvimento do Estudante com Transtorno do Espectro Autismo- (TEA)” na escola. O autismo é uma síndrome com manifestações típicas presentes desde o nascimento. Apresenta como uma das características principais a dificuldade de socialização. Entretanto, a criança com o Transtorno do Espectro Autismo, apresenta diferentes níveis da síndrome e transtorno, uma vez que a criança autista apresenta comportamento específico. O objetivo da pesquisa foi analisar a psicomotricidade e sua influência para o desenvolvimento do estudante com transtorno do espectro autismo- (TEA) na escola. A pesquisa escreveu-se como um estudo de revisão de leitura. Por fim, conclui-se que as crianças autistas procuram viver em um mundo diverso das crianças que não apresenta essa síndrome, pois não conseguem controlar o jeito como, olhar dentro dos olhos, com isso dificultando estabelecer contato e característica de uma sociedade.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autismo. Educação Psicomotora. Educação.

2590

ABSTRACT: The scientific article addresses the theme, “Psychomotricity and its Influence on the Development of Students with Autism Spectrum Disorder (ASD)” at school. Autism is a syndrome with typical manifestations present from birth. One of the main characteristics is the difficulty of socialization. However, the child with Autism Spectrum Disorder presents different levels of the syndrome and disorder, since the autistic child presents specific behavior. The objective of the research was to analyze psychomotricity and its influence on the development of students with autism spectrum disorder (ASD) at school. The research was written as a reading review study. Finally, it is concluded that autistic children seek to live in a different world from children who do not have this syndrome, as they cannot control the way they look into each other's eyes, thus making it difficult to establish contact and characteristic of a society.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Psychomotor Education. Education

¹ Especialista em Educação Física Escolar, título obtido na Faculdade Integradas de Várzea Grande - FIAVEC Várzea Grande/MT. Graduada no curso Licenciatura em Educação Física, título obtido em Centro Universitário de Várzea Grande - UNIVAG Várzea Grande/MT.

² Especialista em Educação Especial Inclusiva, título obtido na Faculdade do Instituto Panamericano - FACIPAN Cuiabá/MT. Graduado no curso Licenciatura em Pedagogia, título obtido na Faculdade Integradas de Várzea Grande - FIAVEC Várzea Grande /MT, e Graduado no curso de Licenciatura em Artes Visuais título obtido na Faculdade de Educação Paulista- FAEP São Paulo/ SP.

³ Especialista em Ciência do Movimento Humano, título obtido no Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão- IBPEX Curitiba/PR. Graduada no curso Licenciatura em Educação Física, título obtido na Universidade Federal de Mato Grosso UFMT Cuiabá/MT.

INTRODUÇÃO

A dificuldade Autista via de regra é um severo desequilíbrio e crescimento infantil, que apresenta um panorama de malefícios na relação social na comunicação e função lúdica (APA, 2002, RUTTER 2005). Conforme entendimento de alguns autores o autismo pode ser comparado como uma síndrome comportamental com etiologias significante podendo ocorrer alguns distúrbios neurológicos genéticos cognitivas encontradas nas crianças portadoras do autismo.

Atualmente o autismo é considerado uma psicose, fazendo parte dos transtornos globais do desenvolvimento (APA, 2002), os pesquisadores procuraram delinear critérios diagnósticos através de análise e descrição clínica de casos descobrindo características comportamentais e psicológicas constadas nas crianças.

Essa pesquisa foi embasada nas aulas de Educação Física, Regência e Artes Visuais onde tivemos a oportunidade de relacionar-se e ao mesmo tempo acompanhar a realidade vivenciada com os alunos com Transtorno do Espectro Autismo, buscando conhecer suas habilidades nas aulas, na sala regular, no espaço externo das escolas pátio, quadras esportivas. O objetivo geral da pesquisa foi analisar a influência da psicomotricidade no desenvolvimento do aluno autista na escola, mais especificamente: analisar o comportamento, interpretação psicomotora da criança nas aulas, e averiguar o processo de desenvolvimento de socialização do mesmo.

2591

O QUE É TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Vários autores têm concordado de que o autismo não se apresente apenas de uma forma. Dentro do espectro autista há vários comprometimentos e formas de se apresentar. No seu trabalho “Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família”, Cunha descreve:

O Autismo tem sido principalmente uma incógnita para a medicina, e há ainda polêmicas a respeito das indústrias farmacêutica e alimentícia com suas Aparecendo nos primeiros anos de vida, proveniente de causas genéticas ou por uma síndrome ocorrida durante o período do desenvolvimento da criança, o autismo possui no seu espectro as incertezas que dificultam, na maioria dos casos, um diagnóstico precoce. Ele tem demandado estudos e indagações, permanecendo ainda desconhecido de grande parte dos educadores. Não há padrão fixo para a forma como ele se manifesta, e os sintomas variam muito. (CUNHA, 2011, p. 19-20).

Esse “desconhecido” trouxe grande preocupação a nível mundial e suas características se apresentam com mais evidência entre os dois e três anos de vida da criança. Além do mais, essa

síndrome ainda está para os pais e educadores como algo que não se pode conviver naturalmente; grande são as dificuldades que muitos se vêm ao tratar com a criança autista. Faz-se necessário entender que para se obter êxito e garantia de que essa criança tenha uma boa qualidade de vida e aprendizado, pais e educadores devem estar esclarecidos quanto à síndrome; dificuldades, tratamentos precoces e metodologias que façam com que essa criança possa estar inserida no mundo, pois o mundo também pertence a ela.

O termo autismo origina-se do grego *autós*, que significa “de si mesmo”. [...] O autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito- repetitivas. O DSM-TR (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), publicado pela *American Psychiatric Association*, e o CID 10 (Classificação Internacional de Doenças), da Organização Mundial de Saúde, são consoantes ao descreverem o autismo. (CUNHA, 2011, p. 20)

ENTENDA OS GRAUS DO AUTISMO

Atualmente o autismo é identificado por três graus: o leve, o moderado e o severo, também definidos como nível 1 (leve), nível 2 (moderado) e nível 3 (severo). Essas condições agora são chamadas de Transtorno do Espectro Autista.

O grau leve ou nível 1 consiste em pouco déficit nas áreas da comunicação, socialização e no seu comportamento em geral.

2592

Exemplo: a criança que aprende bem na escola e não teve atraso na fala, mas apresenta problemas de comportamento, comunicação (só fala sobre o que gosta; tem problema para se comunicar) e dificuldades de interagir com outras pessoas. Pode gostar de interagir, mas não sabe como. Apresenta ansiedade ou um comportamento peculiar. Pode ou não ter crises de ordem sensorial ou em causa da ansiedade. Necessita de um pouco de apoio em algumas situações do seu dia a dia.

O grau moderado (médio) ou nível 2 consiste em um déficit moderado nas áreas da comunicação, socialização e comportamento.

Exemplo: a criança gosta de participar de brincadeiras, mas não entender a brincadeira; tem dificuldade de compreender regras sociais; se comunica através de poucas palavras ou não apresenta linguagem verbal. Seu aprendizado é lento e precisa de mais apoio pedagógico e comportamental que as outras da mesma idade. Pode ser tranquilo, mas ter crises ocasionais. Necessita de apoio em várias situações do seu dia a dia.

O grau severo (grave) ou nível três consiste no déficit grave de comunicação, socialização e comportamento.

Exemplo: a criança ignora comandos, pode ter episódios de agressividade, grave atraso/ausência de linguagem verbal e severas dificuldades no modo de interagir e no seu comportamento, principalmente, na companhia de outros. Costuma ter muitas crises em consequência da pouca compreensão do mundo à sua volta. Necessita de muito apoio em muitas situações de seu dia a dia.

Vale lembrar que todos os autistas são únicos e podem apresentar graus leves, moderado ou mais graves que se intercalam de acordo com as áreas de seu neurodesenvolvimento, processamento sensorial, comunicação, socialização e comportamento em geral.

Os graus de autismo podem ser definidos em relação à sua capacidade intelectual e comportamental. Sendo assim, uma criança autista pode não falar, mas ter alta cognição (capacidade para aprender), assim como um autista com inteligência média-alta pode ter dificuldades em executar tarefas básicas do dia a dia como cozinhar, ou amarrar o cadarço dos sapatos. Cada vez mais se nota a necessidade de aprimorar a funcionalidade dos autistas no seu dia a dia, independente do grau de autismo que recebeu no diagnóstico.

QUAIS SÃO OS SINAIS DE AUTISMO?

- Não manter contato visual por mais de 2 segundos;
- Não atender quando chamado pelo nome;
- Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;
- Alinhar objetos;
- Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;
- Não brincar com brinquedos de forma convencional;
- Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;
- Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;
- Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);
- Não compartilhar seus interesses e atenção, apontando para algo ou não olhar quando apontamos algo;
- Girar objetos sem uma função aparente;
- Interesse restrito por um único assunto (hiperfoco);
- Não imitar;
- Não brincar de faz-de-conta;
- Hipersensibilidade ou hiper-reatividade sensorial.

DESENVOLVIMENTO DOS ASPECTOS PSICOMOTORES DO ESTUDANTE AUTISTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Todavia, a educação física é um campo que engloba aspectos biológicos, sociológicos, psicológicos e culturais e o vínculo entre eles, vindo apresentar um papel importante no desenvolvimento motora no que tange o desenvolvimento intelectual, em sociedade e de forma afetiva (STRAPASSON, CARNIEL, 2007). Neste sentido, podemos afirmar que as aulas de exercício físico têm como finalidade promover procedimento as pessoas com necessidade especial, proporcionando a elas interação adequada no meio em que estão convivendo.

Conforme o entendimento da GORLA (2001), o exercício físico é essencial que ocorra uma intervenção com intuito que estas crianças com autismo não permaneçam com dificuldade cognitiva, psicomotoras, afetivas, e de interação, ficando claro que a educação física é uma ferramenta relevante capacidade de fortalecer a socialização e a inserção das crianças autistas, facilitando o desenvolvimento. O profissional de Educação Física, então, deve utilizar atividade baseando-se no que a criança gosta ou não impondo algo que ele nunca teve contato ou não gosta, acrescentando-as gradativamente conforme a criança for se adaptando (MARQUEZE, MAVAZZI, 2011).

Para Tomé (2007), o profissional de utilizar coerentes com a realidade da criança, caso contrário pode dificultar a aprendizagem e até mesmo causar frustração. Faz-se necessário, desta forma, um local que não tenha muito estímulo visual e auditivo, pois o aluno pode-se distrair e perde o interesse na atividade. As atividades devem ser selecionadas conforme a idade cronológica, atividade com começo, meio e fim, tais como circuito com obstáculos, transposição e estático, saltos, lançamentos e jogos de bola ajuda na aquisição motora.

Tomé (2007), por sua vez, afirma que uma aula de educação física para estas crianças não deve ter ênfase com regras, gincanas, jogos imaginários, dificultam a aprendizagem e causam frustrações no aluno uma vez que ele não tem facilidade, a priori, em distinguir o real do imaginário. Para o autor acima, este grupo identifica-se mais com atividades cíclicas como natação, Cooper, bicicleta ergométrica, musculação, atividades em circuitos, ginásticas, atividade de relaxamento, utilização de músicas e atividades coerentes com a cultura da comunidade em que vivem, além de compreenderem a atividade de modo mais fácil através da demonstração do que pela fala. A implantação da educação física, no programa de ensino par autistas possibilita um melhor desenvolvimento das habilidades sociais, melhora na qualidade

de vida. No início da aprendizagem é necessário conhecer cada aluno individualmente, suas habilidades motoras, interesse e capacidades comunicativas. (TOMÉ ,2007).

Dessa forma. o programa de educação física não deve somente ser concentrado no ensino do movimento técnico, mas na aprendizagem social no auxiliar para o avanço motor e qualidade de vida é essencial conversar com a família para compartilhar interesse e expectativas em relação atividades, saber como o aluno se comporta em caso o que gosta de fazer e como se movimenta, obtendo uma avaliação do comportamento em sua casa e proporcionar situações na escola para coleta de informações como: exploração da capacidade motora do aluno o estimula cognitivo, os níveis de segurança em resolver problema motora, níveis estruturais necessários para outra orientação, grau e atenção sem muita ajuda do instrutor, níveis de pensamento concreto motivação e interesses direto (LABANCA, 2000; VATAUK, 1996). A seleção de atividades deve ser adequada à idade cronológica, resultados das avaliações e compatível com a cultura social, o método de circuito com obstáculo, subida e decida transposição de objetos (plinto, pneu e arcos), mudanças de direção, equilíbrio dinâmico e estático, saltos, lançamento, jogos de bolas (chute ao gol, arremesso a sexta de basquete, arremesso de gol do handebol, vôlei, rolar, agarrar, esquivar e quicar entre outras) com começo meio e fim indicadas auxiliam na aquisição de habilidades motoras (LABANCA, 2000). A resolução de problemas do ambiente, percepção visual, auto percepção e estímulo cognitivo e outros métodos, com características a desenvolver e estimular a aprendizagem devem ser inseridos no ensino como: situações livres com exploração de materiais, estímulos a comunicação e sensações são necessários para auxiliar no desenvolvimento (NILSSON, 2003).

2595

O professor de Educação Física para pessoas com autismo está envolvido no processo de aprendizagem e socialização, não deve priorizar questões de aprimoramento físico, mas auxiliar no vasto conjunto de interações sociais comunicação e comportamento (Tomé, 2007). O profissional de Educação Física, então, deve utilizar atividade levando em consideração que a criança deseja podendo estabelecer algo que jamais teve contato ou não gosta, acrescentando-as de forma gradual a sua adequação (MARQUEZE MAVAZZI, 2011). Conforme Tomé (2007), o profissional deve utilizar coerência com a realidade da criança, caso contrário poderá ocasionar dificuldade a seu aprendizado e até mesmo causar frustração. Outrossim, faz-se oportuno a maneira e a forma, de um lugar que não tenha muito estímulo auditivo e visual, porque estes alunos têm oportunidade de se distrair e perde o interesse nos exercícios físicos. Estes exercícios podem ser selecionados por meio da faixa etária, estas atividades têm início, meio e fim, como

por exemplo: circuito com obstáculos, lançamento e jogos de bola contribui para o desempenho da coordenação motora.

Tomé (2007), afirma que os exercícios físicos destas crianças com autismo não permitem ênfase com regras, gincanas, brincadeiras imaginárias, assim esses alunos demonstram dificuldade em desenvolver o aprendizado, facilitando com isso o discernimento do mundo real e do imaginário. Para o autor mencionado acima, esta classe tem afinidade com atividades cíclicas, como bicicleta ergométrica, natação, Cooper, musculação, exercícios em circuitos, ginásticas, exercícios de relaxamento, aplicação de meio musical e exercício compatível com sua classe em convívio social, além disto, entender o exercício de maneira acessível usando os meios adequados ao invés da fala. A introdução do exercício físico estabelece no programa de ensino para o autismo proporcionando um melhor desempenho das habilidades e a sua socialização buscando uma excelente condição de vida. Portanto, o início da aprendizagem é essencial para o conhecimento do estudante de forma individual, sua coordenação motora, o interesse e capacidades do aluno autista.

O PAPEL DO DOCENTE

2596

Embora muito importante, a inclusão não ocorre apenas quando a criança é matriculada no ensino regular. O docente é visto como um dos principais agentes no trabalho com alunos que apresentam algum tipo de dificuldade, porém, o espaço em que essas crianças passaram tanto tempo de suas vidas, necessita de um bom trabalho. Nesse sentido, a escola precisa dispor de recursos de variadas espécies para estimular a inclusão. Crianças que apresentam autismo podem ter mais dificuldade de aprendizagem, mas podem desenvolver habilidades linguísticas, motoras e interativas quando expostas a programas de estímulo à aprendizagem, como enfatiza Gauderer (1987).

Nesse contexto, cabe à escola elaborar métodos e estratégias para que os alunos possam desenvolver suas habilidades, se integrando de forma plena ao meio e interagindo com os demais colegas. A família pode auxiliar neste processo, sendo responsável por construir uma parceria com os educadores a fim de fornecer ao aluno os meios necessários para que ele se sinta seguro e confortável na escola. Uma tarefa importante é dedicar algumas horas por dia para conversar com as crianças sobre as impressões deles sobre o espaço, sobre o que aprenderam, etc. Como a aprendizagem dos alunos com alguma necessidade pode ocorrer de forma mais lenta e gradativa, é fundamental que o educador esteja qualificado para atender suas especificidades, construindo

técnicas de comunicação que possam atingi-lo de maneira significativa. É preciso compreender que o ensino é uma das principais esferas a ser trabalhada no caso dessas crianças. Sendo assim, é preciso estar pronto para atender as solicitações desse público, flexibilizar o diálogo, estimular a interação e ampliar a qualidade do convívio escolar para toda comunidade.

Todo esforço é necessário para ensinar um aluno disgráfico a ler e processar informações com muito mais eficácia. Deve-se usar métodos apropriados e com eficiência. O papel dos pais e professores é identificar contribuir para que o transtorno seja identificado o mais cedo possível e compreender como a criança disgráfica aprende e como necessita de um tratamento necessário. De acordo com Tavares (2008):

O professor deve ler as atividades da criança de tal maneira que ela não subestime sua habilidade. As respostas orais são as melhores da sua capacidade de trabalho escrito. A avaliação deve ser feita de acordo com seu conhecimento e não com suas dificuldades e erros de ortografia. (TAVARES, 2008, p 22). A ação e o planejamento do professor serão necessários para a construção da aprendizagem do aluno com dificuldade, uma vez que, compreendendo as particularidades de cada um, avaliando de acordo com seu progresso, reconhece-se esses avanços passo a passo. É importante compreender que os alunos precisam receber estímulos para todas as suas realizações de aprendizado, para que eles criem táticas para avançar seu aprendizado e, dessa forma, se tornarem mais seguros.

2597

Deve-se desenvolver, ainda, outras estratégias para melhorar o desempenho do aluno como: respeitar o ritmo de aprendizado, não mencionar para o aluno que ele é lento ou não inteligente, trabalhar com atividades para desenvolver consciência fonológica em sala de aula, estimular a autoconfiança e não realizar atividades que façam com que ele se sinta envergonhado diante dos colegas.

De acordo com as propostas da educação inclusiva (TRATADO DA GUATEMALA, 1991; DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994), todos os alunos devem ter acesso ao ensino regular, ainda que apresentem algum quadro de deficiência sensorial, mental e cognitiva ou que tenham transtornos severos de comportamento. Nesse sentido, a escola deve adaptar o seu sistema para atender a todos os alunos presentes em classes regulares. Para tal, a educação inclusiva deve ser cuidadosamente planejada e conduzida dentro de uma escola plural, capaz de pensar em práticas que estimulem atividades heterogêneas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) orienta aos sistemas de ensino a garantirem aos alunos: currículo, métodos, recursos e organização próprios para suprir suas

necessidades. Atualmente, ainda é possível verificar a existência de algumas organizações especiais ou organizações escolares regulares que possuem dentro do seu sistema de funcionamento turmas especiais de condutas típicas. São poucos os relatos sobre iniciativas e práticas de inclusão de alunos com necessidades especiais em classes regulares.

Neste caso, observa-se que a inclusão tem sido realizada de acordo com as seguintes formas:

1. a criança frequenta a turma diariamente, em tempo integral;
2. a criança frequenta a turma regular diariamente, em horário parcial;
3. a criança frequenta a turma regular durante alguns dias na semana, no horário integral da aula;
4. a criança frequenta a turma regular algumas vezes na semana, em horário parcial.

Em quase todos os casos, os alunos portadores de necessidades especiais utilizam recursos especializados para acompanhar o seu desenvolvimento, como institutos de educação especial, fonoaudiólogos, medicações, terapias e fatores similares. Educar uma criança que necessita de um atendimento especial consiste em um fenômeno que permite ao professor refletir sobre suas práticas e suas concepções sobre um ensino que contemple todos os estudantes. Muitas vezes, o contato com essas crianças pode parecer assustador para o docente, principalmente se este possuir pouca experiência docente.

2598

Deve-se pensar na inclusão como um todo, não somente incluir este aluno no espaço escolar, mas pensar em maneiras eficazes para que de fato essa inclusão ocorra. Deve-se atentar, ainda, para o acompanhamento de forma integral, para que o aluno possa sentir que o ambiente que ele irá conviver será favorável para o seu convívio e sua aprendizagem.

Assim, compreende-se que educação inclusiva necessita de transformações com a finalidade de aperfeiçoar a qualidade de ensino. A gestão escolar deve estar constantemente pensando e repensando práticas que envolvam a formação de seus profissionais, a melhoria de estruturas e atendimento ao público que necessita ser incluído por meio do ensino regular. Como a aprendizagem dos alunos com necessidades especiais pode ocorrer de forma mais lenta e gradativa, é fundamental que o educador esteja qualificado para atender suas especificidades, construindo técnicas de comunicação que possam atingi-lo de maneira significativa.

É preciso compreender que o ensino é uma das principais esferas a ser trabalhada no caso dessas crianças. Sendo assim, é preciso estar pronto para atender as solicitações desse público, flexibilizar o diálogo, estimular a interação e ampliar a qualidade do convívio escolar para toda

comunidade. É oportuno ressaltar que por mais importante que seja inserir a criança com deficiência na sala de aula regular, é necessário criar meios para que ela permaneça na escola, sem que tenha prejuízos em seu desenvolvimento.

Nesse sentido, os princípios da escola inclusiva devem garantir, conforme (BALBINO, 2010):

- O direito à educação;
- O direito à igualdade de oportunidades;
- Escolas responsivas e de boa qualidade;
- O direito de aprendizagem;
- O direito à participação.

Quanto a isso, também há alguns aspectos práticos que o professor carece usar para incluir o aluno autista na escola, a seguir:

- Importância de respostas humanizadas;
- Potencializar o trabalho pedagógico com as inteligências múltiplas;
- Investir nas metodologias ativas;
- Diversificar estratégias pedagógicas;
- Planejar as aulas com estratégias diferentes;
- Bom convívio, respeito, empatia, a mesma qualidade de ensino a todos, com as mesmas condições de desenvolvimento.
- Ser um excelente mediador.
- Socialização;
- Trabalhos em grupo.
- Desenvolver na criança a autoconfiança e a independência.
- Flexibilizar o diálogo.

2599

Nesse sentido, segundo Santos (2008, p. 30) “é que os professores devem direcionar sua prática pedagógica e tornar possível a socialização da criança com autismo na sala de aula e adequar a sua metodologia para atender as necessidades destes”. Em muitas situações, as crianças com autismo acabam ficando às margens do conhecimento ou não participam das atividades, o que exige do professor sensibilidade para incluí-lo ao máximo no convívio com o meio, visto que é no processo de socialização e interação que se constitui o desenvolvimento e aprendizagem.

SOCIALIZAÇÃO DESENVOLVIMENTO DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO- (TEA)

Segundo Scott Goodman é essencial que o autismo estabeleça falsas interpretações, ou seja, o bloqueio em interagir com os outros a carência em compartilhar emoção e gerando obstáculo (GOODMAN; SCOTT, 1997). Muitas vezes, a criança que tem autismo aparenta ser muito afetiva, por aproximar-se das pessoas abraçando-as e mexendo, por exemplo, em seu

cabelo ou mesmo beijando-as, quando na verdade ela adota indiscriminadamente esta postura, sem diferenciar pessoas, lugares ou momentos. Os distúrbios, na interação social, dos autistas podem ser observados desde o início da vida. Com autistas típicos, o contato “olho a olho” apresenta-se anormal antes do final do primeiro ano de vida. Muitas crianças olham de canto de olho ou muito brevemente.

As crianças com autismo apresentam ser carinhosas e atenciosas com os outros, elas mostram seu carinho com as pessoas abraçando, beijando e chegando muitas das vezes a mexer nos cabelos, adotando uma conduta própria sem escolher momentos ou lugares. Todavia, esta pesquisa fica evidente que todas as crianças com autismo que possui o distúrbio desde seu nascimento. O autista típico, não é normal quanto ao contato “olho a olho”, apresentando este sintoma antes de completar um ano de vida. Algumas crianças olham de canto de olho de forma muito rápida. Um número amplo de crianças não apresenta aspecto de antecipar situações ao pego por seus pais, no colo fica fácil constatar precocemente esta reação, depois recebem os diagnósticos de autismo, demonstrando ausência de iniciativa, curiosidade ou conduta explorativa, enquanto bebês (RODRIGUES, 2006).

Entretanto, é comum que os pais de criança autista relatam que seus bebês são “felizes, enquanto eles estão sozinhos”. Os autistas possuem uma característica muito interessante com estilo próprio de se relacionar usando seus pais, quanto deseja alguma coisa, vale frisar que eles são dependentes dos pais como por exemplo: pega a mão de sua mãe, ao invés de usar sua mão para abrir uma porta (RODRIGUES. 2006). Desta forma, eles têm dificuldades de expressar a sua fala. Esta deficiência inclui também linguagem corporal, gestos, expressões faciais e movimento e modulação verbal (GODMAN; SCOTT. 1997). Para tanto, existe uma grande variação possível rígida do autista, alguns não tem dificuldade na linguagem verbal e na comunicação por qualquer outro meio, incluindo ausência do uso de gesto, e quando usa esta modalidade é de forma muito deficiente, falta de expressão facial ou expressão facial incompreensível para outros, existe outras crianças que apresenta uma linguagem verbal esta é repetitiva e não comunicativa (MAZET; LEBOVIC. 1991). Vale destacar, que muitas crianças com autismo expressam de forma verbal, repetindo somente o que ouviu outra pessoa falar. Este acontecimento é conhecido como ecolalia imediata. Existem outros autistas que escuta umas frases e começar a repetir há horas e dias, tem alguns que possui inteligência normal chegando a usar frases de outra pessoas, que escutou há alguns dias e fica repetindo de maneira correta

conforme o contexto, via de regra nestas situações o tom da voz só é estranho e pendente (MAZET; LEBOVICI, 1991).

Conforme Mello (2001), ocorre desvio na qualidade imaginária, define por rigidez e inflexibilidade chegando a afetar várias áreas do pensamento, como a linguagem e a conduta deles. Sendo explicada por meio de conduta compulsiva e ritualísticos, compreensões exatas da linguagem, chegando a ocorrer ausência de concordância e deficiência em processo inovador. Vale frisar, outro ponto importante sobre o autista é a deficiência percebida como meio de brincadeira carente de criatividade e na análise própria de um objeto e brinquedo visualmente. Estas crianças apresentam bloqueio em seu discernimento e uso gestual e voz. A partir do início de “faz-de-conta” e delimitação social, bastante analisado o crescimento de uma criança normal, é ausente ou imaginário. Algumas crianças que tem autismo passam horas analisando a densidade de objeto, brinquedo ficando fascinado com objeto ou componente fora do comum para uma criança, como cabelo ou zíperes. Por fim, crianças com autismo tem dificuldade intelectual a ponto de fixar a própria idade, animais pré-históricos e até mesmo calendário, chegando a confundir em algumas situações o alto nível intelectual (MELLO, 2001). Existe transformação de prática diária em casa, limpeza de móveis e de trajeto estas situações incomodam muito estas crianças. Além de tudo isso os autistas permanecem com hábitos e costumes exclusivamente deles. É comum insistirem com certa locomoção, (movimentos estereotipados), rodopiar e mexer com as mãos. Elas gostam, brincadeiras de ordenamento, alinhando objeto. Assim, algumas atividades ou acordos, se cogitam que os movimentos estereotipados se relacionam a particularidade mencionada por último, porque este comportamento acontece em dias e horários fixos (MAZET; LEBOVICI).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se a necessidade do desenvolvimento de um trabalho em conjunto entre escola, educador, aluno e família, que pode funcionar como uma das maiores chaves para solucionar ou ao menos reduzir os impactos negativos causados pelas principais dificuldades de aprendizagem. O ponto mais importante a ser observado é que indivíduos com autismo têm o potencial de crescimento e desenvolvimento. Ao contrário do que se pode ouvir de alguns profissionais ou ler em livros, o autismo é tratável.

É importante encontrar serviços, tratamentos e educação para crianças autistas o mais cedo possível. Quanto mais cedo essas crianças receberem tratamento adequado, melhor o seu

prognóstico. Tanto a família quanto a escola podem desempenhar um importante papel na assistência ao desenvolvimento de crianças com autismo. Crianças pré-escolares típicas aprendem principalmente no brincar, e a importância do brincar no ensino da linguagem e habilidades sociais não pode ser subestimada. Idealmente, muitas das técnicas usadas no comportamento aplicado à análise, integração sensorial e outras terapias podem ser estendidas ao longo do dia pela família e amigos.

O professor é um mediador essencial no processo de adaptação e integração do aluno no âmbito escolar. Esse professor deve realmente estar preparado profissionalmente para receber esse aluno com TEA. Observando sempre os recursos disponíveis em mãos para ajudar esse aluno. Os educadores devem sempre prezar por um ensino de qualidade, inovando, aperfeiçoando suas práticas e abandonando as que não contemplam todos os alunos e, ainda, deve permanecer com aquelas práticas que podem ser benéficas, mesmo se somadas a outras novas. Deve-se sempre estar atualizado de acordo com os novos desafios a serem enfrentados por esses alunos e trabalhar com o objetivo de formar seres humanos capazes de decifrar a sua realidade e pensar o mundo de forma complexa e ativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2602

AMERICAN, Psychiatric Association. (2002). **DSM-IV-TR: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (4a ed. rev., C. Dornelles, trad.)**. Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 2000).

American Psychiatric Association (2002). **DSM-IV-R, Diagnostic and statistical manual of mental disorders (4a ed. revisada)**. Washington: APA.

ALMEIDA, Wilton de Jesus. **A Intervenção do profissional de educação física no desenvolvimento global dos autistas em escolas de atendimento especializado**. 2010. 57 f. TCC (Graduação) – Curso de Curso de Educação Física, Faculdade de Patos de Minas, Patos de Minas, 2010.

A Perspectiva Desenvolvimentista para a Intervenção Precoce no Autismo. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So103-166X2007000100012. Acesso em: 02 de out. 2017.

BEJEROT, S. (2007). **Na Autistic Dimension: a Proposed Subtype Of Obsessive – Compulsive Disorder – Autism**, 11, 101 – 110.

BILDT, A; Sytema, S; Ketelcars, D; Mulder, E; Volkmar, F. & Minderca, R. (2004).

FARINHA, Ana Paula Vidotto. **INCLUSÃO DE AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: Possibilidades pedagógicas que podem auxiliar em suas**

potencialidades. 2014. 40 f. Tese (Doutorado) – Curso de Psicologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Parana, 2014.

FIGLIORIO-CORREIA, Olívia; LAMPREIA, Carolina. **A Conexão Afetiva nas Intervenções Desenvolvimentistas para Crianças Autistas.** 2012. 16 f. Tese (Doutorado) – Curso de Psicologia, Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

GOODMAN, R., SCOTT, S. Child Psychiatry. **Blacwell Science**, 1997.

GORLA, J. I. **Coordenação Motora de Portadores de Deficiência Mental: Avaliação e Intervenção.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2001.

HOBSON, R. P., Chidambi, G., Lee, A. & Meyer, J. (2006). **Foundations for self-awareness: an exploration through autism.** *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 71(2), vii-188.

MARTELETO, Márcia Regina Fumagalli; SCHOEN, Teresa Helena; CHIARI, Brasília Maria. **Problema de Comportamento em Crianças com Transtorno Autista.** 2011. 27 v. Tese (Doutorado) – Curso de Psicologia, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2011.

MARQUEZE, L.; MAVAZZI, L. **Inclusão de Autistas nas Aulas de Educação Física.** VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Londrina de 08 a 10 novembro de 2011 – ISSN 2175-960X – Pg. 1945- 1956. Disponível em: Acesso em: 24 de jul. de 2017.

2603

MATSON, J. L, NEBEL, Schwaln, M & L Matson, M. L (2006). **A Review OF Methodological Issues In The Differe - Rential Diagnosis OF Autism Spectrum Disorders In Children – Research In Autism Spectrum Disorders**, 1, 38 – 54.

MAZET, P., LEBOVICI, S. **Autismo e Psicoses da Criança.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1991.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo: Guia prático.** 3.ed. São Paulo: AMA; Brasília: Corde, 2001.

NILSON, I.; **Introdução a Educação Especial para Pessoa com Transtorno do Aspectro Autístico e Dificuldade Semelhante de Aprendizado**, sd.

LABANCA, M. S. G; **Autismo e o Professor de Educação Física.** Revista Sprint Body Science. Nov./Dez. 2000.

LAMPREIA, C, (2004). **Os Enfoques Cognitivistas e Desenvolvimentistas no Autismo, Uma Análise preliminar – Psicologia: Reflexão Crítica**, 17, III – 120.

LOURENÇO, Carla Cristina Vieira; ESTEVES, Maria Dulce Leal; CORREDEIRA, Rui Manuel Nunes. **Avaliação dos Efeitos de Programas de Intervenção de Atividade Física em Indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo.** 2015. 328 f. Tese (Doutorado) – Curso de Psicologia, Universidade Federal de São Paulo, Marília, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade; **Técnicas de Pesquisas: planejamento e execução das pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise interpretação de dados.** 7 ed. São Paulo: Atlas, 2013.

RODRIGUES, D. (org). **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva.** São Paulo: Summus, 2006.

Rutter, M. (2005). **Aetiology of autism: findings and questions.** Journal of Intellectual Disability Research, 49, 231-235.

SOWA, M.; MEULENBROEK, R. **Research in Autism Spectrum Disorders Effects of physical exercise on Autism Spectrum Disorders: A meta-analysis.** Research in Autism Spectrum Disorders, v.6, n.1, p.46-57, 2012.

STRAPASSON, A.; CARNIEL, F. **A educação física na educação especial.** Revista Digital, Buenos Aires, ano 11, n. 104, 2007. Disponível em: Acesso em: 01 de set. de 2017.

TOMÉ, M. C.; **Educação Física como Auxiliar no Desenvolvimento Cognitivo e Corporal de Autistas. Movimento e Percepção.** São Paulo, v. 8, n. 11, p. 231 -248, Dezembro, 2007.

TOMÉ, Maycon Cleber. **Educação Física Como Auxiliar no Desenvolvimento Cognitivo e Corporal de Autista.** 2007. 18 f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação Física, Universidade Federal de São Paulo, Espírito Santo do Pinhal, 2007.

VATAVUK, M. C; **Ensinando Educação Física e Indicando Exercício em um situação Estruturada e em um Contexto Comunicativo: Foco na Interação Social;** Congresso Autismo – Europa, Barcelona, 1996.

WILLIAMS, J; & Brayne. C (2006). **Screening For Autism Spectrum Disorders: What Is The Evidence,** 10, 11 – 35.